

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº641

De 18 de agosto
a 01 de setembro
Ano 23

R\$2

(11) 9.4101-1917

PSTU Nacional

www.pstu.org.br

@pstu

Portal do PSTU

@pstu_oficial



**POR EMPREGO, SALÁRIO, TERRA, EDUCAÇÃO, SAÚDE,
MEIO AMBIENTE E SOBERANIA**

É PRECISO ENFRENTAR OS SUPER-RICOS

Expropriar as 100 maiores empresas e confiscar os 62 bilionários

**VERA E
RAQUEL TREMEMBÉ**

A cara da classe trabalhadora
e do povo brasileiro



editorial

O verdadeiro voto útil é o voto na independência política dos trabalhadores e no programa socialista!

É o voto no 16! Estamos com Vera e Raquel Tremembé!

A campanha eleitoral começou oficialmente. Não se trata de quaisquer eleições, já que elas ocorrem em um cenário de aumento da fome, da miséria e do desemprego. Este governo Bolsonaro é uma verdadeira desgraça que precisa ser derrotado.

Ao contrário da propaganda do governo Bolsonaro, afirmindo que a inflação estaria retrocedendo, o emprego subindo e a economia, enfim, decolando; a realidade no dia-a-dia da classe trabalhadora é o inverso dessa “fake news”.

O leve alívio provocado pelo corte do ICMS sobre os combustíveis (bilhões que deveriam ir para áreas como Saúde e Educação) não mexeram um milímetro na carestia. Segundo o IPC (Índice de Preço ao Consumidor), houve leve deflação em julho; ou seja, redução da inflação, mas apenas para quem recebe mais de R\$ 9.696, menos de 5% da população. E, mesmo isso, só até as eleições.

Para o restante da população, cada ida ao supermercado é um suplício, com os preços dos alimentos nas alturas. Os R\$ 600 até dezembro não compram nem uma cesta básica em São Paulo. E, como se isso não bastasse, Bolsonaro ainda liberou o empréstimo consignado, que permite aos bancos darem crédito, cobrarem os olhos da cara em juros e descontarem até 40% do benefício.

Já o desemprego é massivo, escondido pela precarização e a informalidade, que deram um salto após a Reforma Trabalhista. A realidade é que mais da metade das pessoas com idade para trabalhar está fora do mercado de trabalho.

E, ao mesmo tempo em que faz populismo eleitoreiro, o governo Bolsonaro continua cortando dinheiro dos serviços públicos. Só este ano foram R\$ 3,2 bilhões tesourados da Educação. A previsão feita pelo ministério de Paulo Guedes, em julho, era de que os cortes chegassem a R\$ 6,7 bilhões. Na última semana, Bolsonaro chegou a vetar o reajuste do repasse aos estados para a compra de comida nas escolas.

SEM COMBATER O CAPITALISMO NÃO HÁ SAÍDA

Para resolver o desemprego, a fome, a carestia, o acesso à moradia e à terra e todos os demais problemas históricos que afligem a classe trabalhadora é necessário atacar os lucros e propriedades dos bilionários, expropriar as 100 maiores empresas e reestatizar, sob controle dos trabalhadores e trabalhadoras, as empresas entregues ao capital privado e internacional. Isso porque, embora a classe trabalhadora produza todas as riquezas, elas

vão para menos de 0,1% da população, que são os bilionários. Um programa que não coloque essas medidas na pauta do dia, não vai resolver nada. Neste sentido, a tarefa dos trabalhadores e dos socialistas é ganhar o maior número de pessoas para este projeto. Votar em Lula-Alckmin parece mais fácil para derrotar Bolsonaro, mas como diz o ditado: “Se atalho fosse bom se chamaria caminho”. É preciso derrotar o sistema capitalista e os ricos e poderosos que são os responsáveis pelo surgimento de Bolsonaro e pelo aprofundamento da exploração e da opressão. Isso não se faz em aliança com os ricos, como faz a chapa Lula Alckmin.



Nestas eleições, o verdadeiro voto útil é o voto na chapa Vera e Raquel Tremembé, uma alternativa operária, negra, indígena e socialista. Cada voto no 16 é um tijolo a mais na construção da derrota da direita e da burguesia.

DERROTAR AS AMEAÇAS GOLPISTAS DE BOLSONARO

Enquanto isso, Bolsonaro vem fazendo um duplo movimento. Ao mesmo tempo em que impõe um pacote eleitoreiro, intensifica as ameaças golpistas, com a convocação dos atos para o “7 de setembro” e os ataques às urnas eletrônicas. A sua prioridade é ganhar as eleições, mas o plano B é guardar a cartada das ameaças na manga. Além do clima permanente de intimidação e chantagem, ele pode tentar algo “à la” Capitólio norte-americano, mantendo sua base de ultradireita aticada lá na frente.

Há duas formas equivocadas para enfrentar esta ques-

assinamos as cartas em defesa dessa democracia dos ricos. O que defendemos é o socialismo, onde as liberdades democráticas serão muito maiores que nesta democracia do 1%.

Mas é um erro fechar os olhos às ameaças de Bolsonaro. Numa ditadura, é a classe trabalhadora que tem mais a perder, com o fim do direito de organização, luta e expressão. O fim das poucas liberdades democráticas pode impedir que até lutemos ou protestemos contra os ataques. E é a classe trabalhadora que pode, de fato, derrotar qualquer tentativa neste sentido.

PARA ACABAR COM A MISÉRIA, A SAÍDA NÃO É LULA-ALCKMIN, ALIADOS DOS RICOS!

O PT construiu uma Frente Amplia com diversos setores da burguesia, partidos do Centrão, o agronegócio e o mercado financeiro, em torno de Lula e Alckmin, como alternativa mais confiável e uma chance de estabilidade frente ao bolsonarismo, nos marcos do capitalismo.

Essa é uma falsa alternativa. Sob o ponto de vista da classe trabalhadora, não é possível resolver a crise governando junto com os banqueiros, os grandes empresários e o agronegócio. Não é possível ter um governo que, ao mesmo tempo, governe para os trabalhadores e para os empresários. Isso sempre significa, invariavelmente, retirar direitos dos trabalhadores e garantir os lucros dos ricos. É o caminho para a desmoralização e, do outro lado, teremos uma ultradireita mais organizada, armada e pronta para voltar com mais força.

Na periferia, então, o tal “Estado Democrático de Direito” nunca existiu. Por isso, não

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3PYAOLE](https://bit.ly/3PYAOLE)

NÃO HÁ CAPITALISMO SEM RACISMO

A explosão do racismo sob o governo Bolsonaro

DA REDAÇÃO

Todos os dias Bolsonaro diz que não vai aceitar uma derrota nas eleições presidenciais. Ameaça com golpe e convoca sua base reacionária para sair às ruas no dia 7 de setembro. Bolsonaro tem parte do comando das Forças Armadas ao seu lado e vem armando sua militância radical. Pode tentar um autogolpe, embora seja muito improvável que uma dessas aventuras possa se consolidar.

Seu objetivo é tentar copiar Trump e armar uma tremenda e violenta confusão para garantir uma certa coesão dentre seus grupos mais fanáticos, a fim de continuar mobilizando e seguir existindo como uma

força política. Por isso, Bolsonaro faz ameaças diárias de golpe e insufla sua militância de extrema direita para atacar adversários. E, face a esse perigo, não dá pra fechar os olhos.

O Brasil vive sua pior crise social e há um profundo retrocesso nas condições de vida da classe trabalhadora. A inflação, a fome, o desemprego e o trabalho precário são uma realidade para milhões. O projeto de Bolsonaro é arrancar, ainda mais, o couro dos trabalhadores e trabalhadoras, aprofundando a superexploração e a barbárie social. Por isso, defende uma ditadura para que os trabalhadores não possam reclamar, acabando com as liberdades democráticas, ou seja, com o direito de

protestar, de fazer greves e de nos organizarmos.

Nesse momento, entretanto, Bolsonaro e a ultra direita não reúnem condições para impor uma ditadura, embora trabalhe pra isso cotidianamente. Uma parte importante da burguesia avalia que isso poderia ser uma aventura perigosa, que resultaria em mais instabilidade nos seus negócios, afetando seus lucros. O imperialismo norte-americano, na figura do governo Biden, também não compartilha desse projeto. Por isso, Bolsonaro implementa medidas eleitoreiras, tal como os R\$ 200,00 do Auxílio Brasil até o final do ano. Mas, em caso de derrota nas urnas, o genocida já falou que não vai aceitar o resultado.



NEYLSON PRESENTE! HOJE E SEMPRE!

Militante do PSTU é assassinado no Maranhão

Essa edição do “Opinião” presta uma homenagem a Neylson Oliveira da Silva, assassinado barbaramente na cidade de Açailândia (MA). Existem suposições de que teria sido um latrocínio, mas, pelo requinte de crueldade dos criminosos, não resta dúvida que esse crime também está atravessado pela LGBTfobia que explodiu no país sob o estímulo do ódio do governo Bolsonaro.

Exigimos celeridade e transparência nas investigações policiais! Sua trajetória de vida, sua militância em defe-

sa dos direitos humanos e das LGBTIs, além de sua importância política e pedagógica na cidade de Açailândia, devem ser consideradas para se investigar a fundo e trazer os responsáveis à justiça.

Neylson era graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão, intérprete de Libras, atualmente mestrandando em Educação pela UFMA. Era também professor da Educação Básica em Açailândia. Desde estudante se envolveu com as lutas para conquistar direitos políticos e sociais para

a classe trabalhadora. Sobretudo, era um militante da causa LGBTI, das lutas do campo e da Educação Especial.

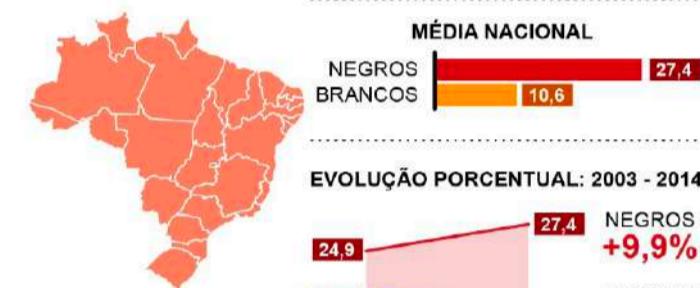
Açailândia é um lugar dominado pelo agronegócio, por siderurgias de carvão e ferro gusa e por uma grande quantidade de trabalhadores escravizados. E, portanto, é violenta e perigosa para a classe trabalhadora, em especial para os militantes sociais e revolucionários. Por isso, é mais do que necessário uma apuração rigorosa dos fatos.

Mas, para além disso, é preciso destacar a pessoa hu-

A cor das vítimas de homicídio por arma de fogo

2014

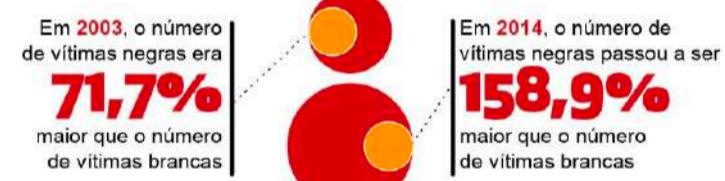
Taxa de homicídios a cada 100 mil



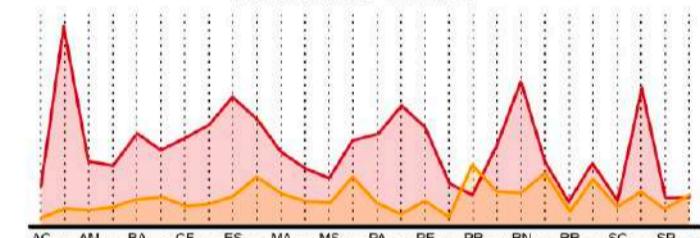
EVOLUÇÃO PORCENTUAL: 2003 - 2014



VITIMIZAÇÃO NEGRA



RELAÇÃO DE HOMICÍDIOS DE NEGROS / BRANCOS POR ESTADO - EM 2014



FONTE: Mapa da Violência 2016 / ELABORAÇÃO: PSTU

mana que era Neylson Oliveira da Silva, nosso Ney!

Um cara carinhoso, que quando te encontrava você já sabia que teria um abraço, risadas e um beijo garantidos. Um ser humano que lutou, viveu e se apaixonou pela classe trabalhadora. Por isso, combatia a burguesia e os latifundiários por uma sociedade sem LGBTfobia, sem machismo, sem racismo e sem classes sociais. Por uma sociedade comunista!

Camarada Ney, sua memória e seu exemplo estarão

sempre com todos e todas nós! Viva a sua luta! Neylson para sempre, presente!



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QtSGZL](https://bit.ly/3QtSGZL)

ANDANDO PRA TRÁS

A longa decadência brasileira e a única saída possível



GUSTAVO MACHADO, DE BELO HORIZONTE (MG)

Já faz pelo menos uma década que toda vertigem de desenvolvimento do Brasil rumo a um futuro mais próspero desabou. O país está mergulhado em um mar de pessoas subempregadas ou sem emprego. Os trabalhadores de elevada qualificação migram para o exterior em busca de oportunidades de trabalho: a chamada fuga de cérebros. Uma massa bem maior se arrisca naquilo que se tornou o sonho de milhões de trabalhadores e trabalhadoras brasileiros: sair do país. Como isto foi acontecer?

Em verdade, esse processo não data de apenas 10 anos. É muito anterior. Como toda doença grave, os sintomas apenas se manifestam com maior força depois. Para fazermos um diagnóstico mais claro e apresentarmos as saídas possíveis, temos que retroceder no tempo.

SÉCULO 20: NOVA FORMA PARA A MESMA DOMINAÇÃO

O Brasil nunca foi um país soberano. Nasceu como uma ponta menor e subalterna na cadeia do capitalismo mundial. Por força de açoites, ferros em brasa e torturas de milhões de trabalhadores e trabalhado-

ras escravizados, se limitou, por séculos, à venda de cana-de-açúcar, ouro e café para o mercado mundial.

Como todo país dominado, e que assim permanece, seu futuro depende mais das decisões externas do que de si mesmo. No século 20, as transformações tecnológicas do capitalismo levaram a uma completa mudança nos padrões de produção e consumo. Automóveis e eletrodomésticos passaram a fazer parte do consumo de milhões de indivíduos, incluindo trabalhadores. Não era possível produzi-los no exterior, pois os custos de transporte eram elevados. O Brasil converteu-se em uma plataforma continental das grandes potências capitalistas, sobretudo dos Estados Unidos e, em menor medida, da Alemanha, da França e do Japão.

Para cá, vieram as grandes empresas multinacionais. O Estado brasileiro construiu uma indústria de base para fornecer insumos às empresas que chegavam: mineração, petróleo, siderurgia etc. O Brasil não deixou de ser dominado em uma só vírgula pelo sistema imperialista global. As indústrias de base foram construídas por meio do endividamento público, destinando grande parte dos fundos públicos aos juros dos grandes

bancos internacionais. As empresas aqui instaladas destinavam seus lucros para o exterior.

Os Estados Unidos, por exemplo, desde os anos 1990, possuem balança comercial desfavorável. Isto é, compram do exterior mais do que vendem. Isto não é nenhum problema para eles. A diferença é compensada com a migra-

ção direta de capital de suas empresas instaladas em todo mundo. Na prática, eles pagam pelas mercadorias compradas do Brasil – feitas por trabalhadores brasileiros – com os juros e lucros que extraem, também, dos mesmos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros.

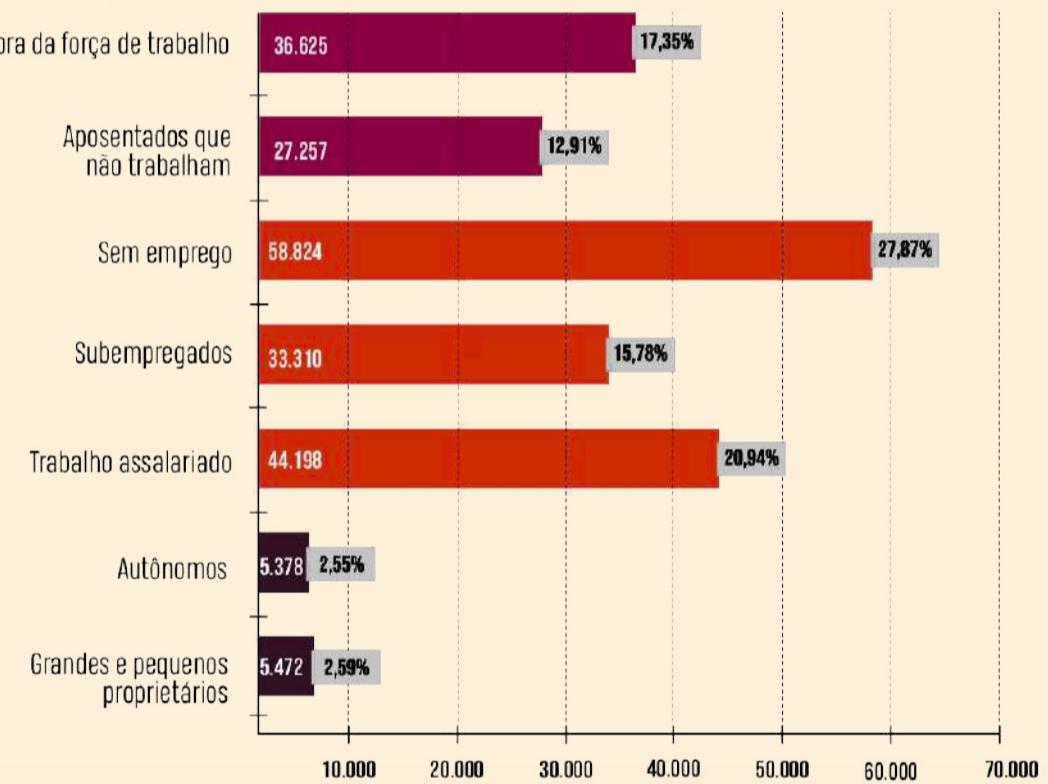
Esta é a lógica da dominação capitalista em nossa época.

Os trabalhadores não apenas produzem o lucro do patrão, como transferem uma fatia dele para os países dominantes comprarem aquilo que nós mesmos produzimos. Mas, nesse sistema, tudo que é ruim pode piorar ainda mais.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QXANCP](https://bit.ly/3QXANCP)**

DISTRIBUIÇÃO DAS CLASSES SOCIAIS NO BRASIL - 2020

211,064 MILHÕES DE HABITANTES (EM MIL PESSOAS)



A FANTASIA NEOLIBERAL

Anos 1990: descendo a ladeira



FHC comandou o governo que introduziu o neoliberalismo no Brasil

Dos anos 1990 para cá, o Brasil vem descendo novos degraus nesse sistema mundial de dominação capitalista. Novas transformações tecnológi-

cas deram origem a produtos que nem sequer precisam de uma plataforma continental de dominação. Computadores, celulares ou novos equi-

pamentos eletroeletrônicos podem ser produzidos integralmente no exterior. A China e outros países da Ásia se converteram no coração da indústria capitalista global.

PRODUTOR DE COMMODITIES

Apesar de possuir um mercado interno numeroso, cada vez mais o papel da indústria foi reduzido. O peso da indústria de transformação, aquela que demanda maior quantidade de trabalhadores e conhecimento, reduz continuamente, há décadas. Como compensar esse processo?

Os capitalistas e governos brasileiros, como sempre, optaram pela saída mais fácil. Mais fácil para eles, é claro. As empresas estatais da mineração, do petróleo, da energia e de infraestrutura foram privatizadas; isto é, entregues para os proprietários privados, brasileiros ou estrangeiros. Esses processos de privatização se iniciaram com toda força nos anos 1990, com as políticas neoliberais, e continuaram sem parar até os dias de hoje, atravessando os governos de

FHC, Lula, Dilma e Temer, até chegar em Bolsonaro.

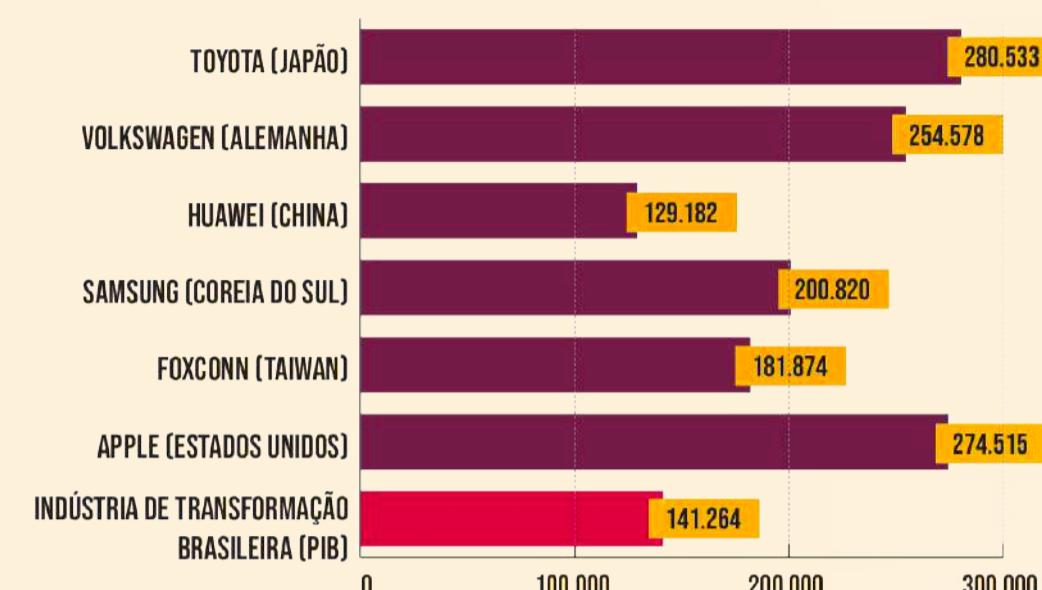
No lugar de vender petróleo, minérios, produtos agrícolas e aço para as indústrias estrangeiras aqui instaladas, passaram a vender cada vez mais diretamente para o exterior. Compramos produtos de elevada tecnologia dos países imperialistas e vendemos quantidades sem fim de matérias-primas básicas.

CONSEQUÊNCIAS

O problema é que se um trabalhador pode extrair, na

A DESINDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA VERSUS RECEITA LÍQUIDA NAS MAIORES INDÚSTRIAS DO MUNDO EM 2020 (EM MILHÕES DE DÓLARES)



Fonte: Base de dados ILAESE a partir dos relatórios anuais das respectivas empresas. Elaboração: ILAESE

MAIS EXPLORAÇÃO

Século 21: no fundo do poço

Não fosse o bastante, na última década, esse processo de decadência brasileira se acentuou ainda mais. Novas transformações tecnológicas permitem, agora, empresas estrangeiras globais centralizadas não apenas na indústria, mas também no comércio (Amazon), na comunicação (Youtube, Streams etc.), nos transportes (Uber) e assim por diante. É a chamada “indústria 4.0”. Uma massa ainda maior de lucros e recursos é arrancada dos trabalhadores brasileiros e direcionada diretamente para o exterior.

“SOLUÇÕES” DO CAPITAL

O espaço destinado para o capital privado no Brasil apenas

pode ser compensando de três maneiras: 1) se apropriando ainda mais das empresas estatais remanescentes, 2) elevando a taxa de exploração de seus trabalhadores e trabalhadoras e, 3) se apropriando de uma boa fatia dos recursos que os trabalhadores transferem ao Estado, por meio do mecanismo da dívida pública e das terceirizações.

Um bom exemplo desse processo pode ser notado na Petrobras. A empresa poderia vender combustível barato, de modo a atender às necessidades dos trabalhadores brasileiros. No lugar disso, vende o petróleo ao preço estipulado pelo mercado internacional. A classe trabalhadora inteira paga o preço. Para onde vai

esse recurso? Para os acionistas da Petrobras, em grande parte estrangeiros, em parte capitalistas brasileiros e, cada vez menos, o Estado. Só em 2021 a empresa pagou mais de R\$ 100 bilhões em dividendos aos acionistas. É mais do que o custo anual do Auxílio Brasil de Bolsonaro. Esse valor é destinado a mais de 20 milhões de brasileiros.

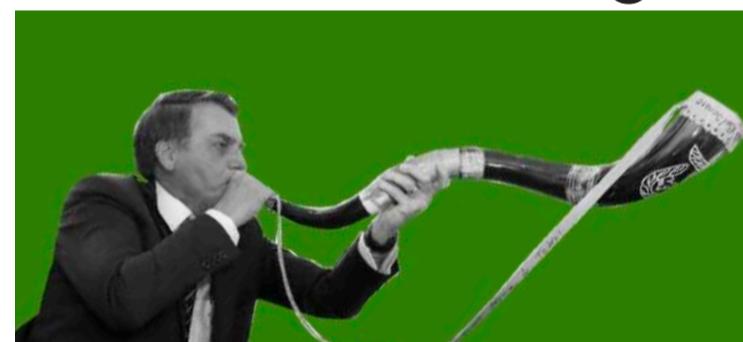
Ao se tornar um país consumidor de elevada tecnologia e vendedor de matérias-primas com menor valor agregado, o trabalho com elevado nível de qualificação é reduzido ao mínimo e as pequenas empresas são destroçadas pela concorrência das gigantes internacionais, agora presentes em todos os setores.

média, uma tonelada de minério de ferro em um dia, são necessários dezenas de trabalhadores para transformar essa mesma tonelada de minério em um carro. No geral, a produção de matéria-prima emprega relativamente pouco e paga baixos salários. Para o capitalista e seus representantes no governo, não faz diferença. Eles ganham seus bilhões em um ramo ou no outro. Continua elevada tanto a fatia que fica com os empresários brasileiros, quanto a que é destinada àqueles do exterior.

Quais são as consequências desse processo? Ora, os cerca de 90 milhões de trabalhadores e

trabalhadoras sem emprego ou subempregados no Brasil, como indica o Anuário Estatístico do ILAESE/2021. Essa massa de trabalhadores na reserva pressiona, para baixo, os salários e as condições de trabalho dos trabalhadores formais. Seguem-se, daí, as contrarreformas trabalhistas e previdenciárias, feitas de forma sistemática nos últimos 30 anos, aceleradas ainda mais no período mais recente.

Mas não somente. A exploração desenfreada de recursos naturais não renováveis – como forma mais rápida e fácil de lucro em um país decadente – acelera o drama humano e ambiental por meio da exploração mineral e agropecuária desmedida.



RAÍZES DO BOLSONARISMO

Bolsonaro mobiliza este setor desesperado, para aprofundar e atender os interesses dos grandes capitalistas e bilionários por meio das três medidas que indicamos acima. Lula promete fazer o mesmo, ainda que com um discurso mais moderado. O PT além de não

ter invertido em absolutamente nada desse processo de decadência em mais de 13 anos do governo, sinaliza para os empresários que continuará o processo em curso. Alckmin, como vice, representa o mesmo que a “Carta ao Povo Brasileiro (leia-se, aos banqueiros)” de 2002.

ESTRATÉGIA

Uma saída sem ilusões no sistema

Não há saída para o Brasil, senão colocar sob o controle dos trabalhadores e das trabalhadoras a riqueza que eles mesmos produzem. Para isso, é necessário atacar a propriedade privada das grandes empresas capitalistas, a começar por aquelas estratégicas, como a Petrobras que citamos.

Querem colocar em nossas cabeças que esse proces-

so não faz sentido. Dizem que o que faz sentido é os trabalhadores produzirem mercadorias para os Estados Unidos, que as pagam com o dinheiro arrancado dos próprios trabalhadores brasileiros, como mostramos.

É evidente que existem saídas mais fáceis. Acreditar, por exemplo, que o governo petista, que não apenas manteve

como aprofundou a decadência brasileira, fará diferente da próxima vez. Ou, então, acreditar em saídas individuais. As redes sociais estão inundadas delas. Propagandas, cultos e cursos com soluções miraculosas oferecidos a milhões de trabalhadores e jovens desesperados. As opções são muitas: da “teologia da prosperidade” aos poderes do “pensamento

positivo”. Como sempre, saídas fáceis não passam de ilusão.

Chega de ilusões. A única solução é trabalhar para que a classe trabalhadora avance em suas lutas cotidianas até chegar à conclusão de que é necessário instaurar um governo dos trabalhadores e do povo pobre, baseado em conselhos populares. Construir um novo tipo de Estado, com um regime de am-

pla democracia operária contra a ditadura do capital que governa para 1% da população. Que os trabalhadores e trabalhadoras controlem, de forma democrática e planejada, a riqueza que eles mesmos produzem e a coloquem a serviço de suas necessidades.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QXANCP](https://bit.ly/3QXANCP)**

ECOLOGIA

Sem superar o capitalismo, humanidade caminha para a catástrofe ambiental



JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

O uso irracional dos recursos naturais tem provocado a destruição do meio ambiente em proporções gigantescas. Voltada para os lucros imediatos, a exploração capitalista se move por uma lógica de curto prazo, o que é incompatível com o tempo de recuperação da natureza. O resultado tem sido a contaminação do solo, do ar

e da água, a devastação das florestas tropicais, o aumento da temperatura do planeta e o esgotamento dos recursos naturais.

Saídas reformistas que visam estimular “o consumo consciente” de produtos com selos de certificação são absolutamente ineficazes e pretendem responsabilizar o indivíduo, e não o sistema capitalista, pela destruição ambiental.

Sem superar o capitalismo, a humanidade caminha para

o colapso ambiental. Apenas uma sociedade socialista pode romper o ciclo expansionista da acumulação e usar bens comuns como meios de atender às necessidades coletivas da sociedade. Apenas no socialismo é possível revolucionar as forças produtivas, cujo desenvolvimento está limitado às suas condições naturais, e permitir a necessária transição da matriz energética, eliminando os combustíveis fósseis.



CERCADO - Toda área verde é o Parque Nacional do Xingu, totalmente cercado por fazendas, que são indicadas pelas áreas claras.

BRASIL

Bolsonaro “passa a boiada” na Amazônia

A submissão do Brasil à economia capitalista está por trás da destruição do meio ambiente. A demanda cada vez maior por matérias-primas provocou a expansão da exploração da mineração e das monoculturas de soja, cana-de-açúcar, eucaliptos etc.. O agronegócio avançou por

todo o Cerrado e agora se expande para a Amazônia, e fez com que o Brasil se tornasse o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.

Bolsonaro tem “passado a boiada” na legislação e na fiscalização ambiental do país, via desmonte dos institutos brasileiros do

Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama) e de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Sob seu governo, registram-se os maiores índices de desmatamento em décadas, particularmente sobre a Amazônia, a última fronteira da expansão mineral, da indústria madeireira e de um novo

mercado de terras para o avanço do agronegócio.

E o ano de 2022 pode registrar o maior índice de desmatamento dos últimos 14 anos, superando o ano de 2006. Isso tem beneficiado apenas um punhado de latifundiários, especuladores e madeireiros, e provoca um ge-

nocídio dos povos originários e uma tragédia ambiental para o mundo e o Brasil. A Amazônia está muito próxima do ponto de não retorno. Quando atingi-lo, a floresta passará a contribuir ao aquecimento global, e as chuvas da maior parte do país serão drasticamente reduzidas.

INDÍGENAS

Demarcar todas as Terras Indígenas para acabar com o genocídio

As Terras Indígenas são importantes para que os povos originários mantenham seu modo de vida tradicional, mas também servem à preservação do meio ambiente e contêm o desmatamento. Um quinto dos animais e plantas da Amazônia vive dentro das Terras Indígenas, que retêm 25,5% de todos os estoques de carbono no Brasil. Muitas delas estão cercadas por áreas desmatadas ou por monocultivos (soja, cana-de-açúcar etc.) ou pastagens, como é o caso do Xingu (ver imagem ao lado).

Bolsonaro quer abrir as Terras Indígenas para mineração e estimula a sua invasão por criminosos. Defende o marco temporal, que rouba os territórios dos indígenas que não conseguiram comprovar sua posse antes de 5 de outubro de 1988, data da promulgação da Constituição Federal.

A sensação de impunidade atinge os criminosos e fez a violência contra os indígenas explodir. De

acordo com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), assassinatos de indígenas aumentaram 61% no primeiro ano da pandemia. O Conselho também afirma que nos dois primeiros anos do governo Bolsonaro houve aumento de 137% nas invasões possessórias, exploração ilegal de recursos e danos ao patrimônio em Terras Indígenas. É por isso que o indigenista Bruno Pereira e o jornalista inglês Dom Phillips, colaborador do jornal The Guardian, foram barbaramente executados no Vale do Javari.

Em 2018, Bolsonaro disse que, se eleito, daria uma “foiçada na Funai”. A promessa foi cumprida. O órgão passou a ser controlado por latifundiários da União Democrática Ruralista (UDR), sofreu um corte de verbas de 40% e paralisou 620 processos de demarcação de Terras Indígenas que se encontravam na fase inicial e mais 117 que estavam na fase final

de homologação. Além disso, muitos servidores foram perseguidos, como Bruno. É preciso acabar com o genocídio dos povos indígenas! É preciso defender os povos das florestas que estão na mira dos ruralistas.

- Homologação de todos os territórios indígenas e quilombolas já!

- Punição aos assassinos e mandantes dos crimes contra os trabalhadores rurais, indígenas e quilombolas.

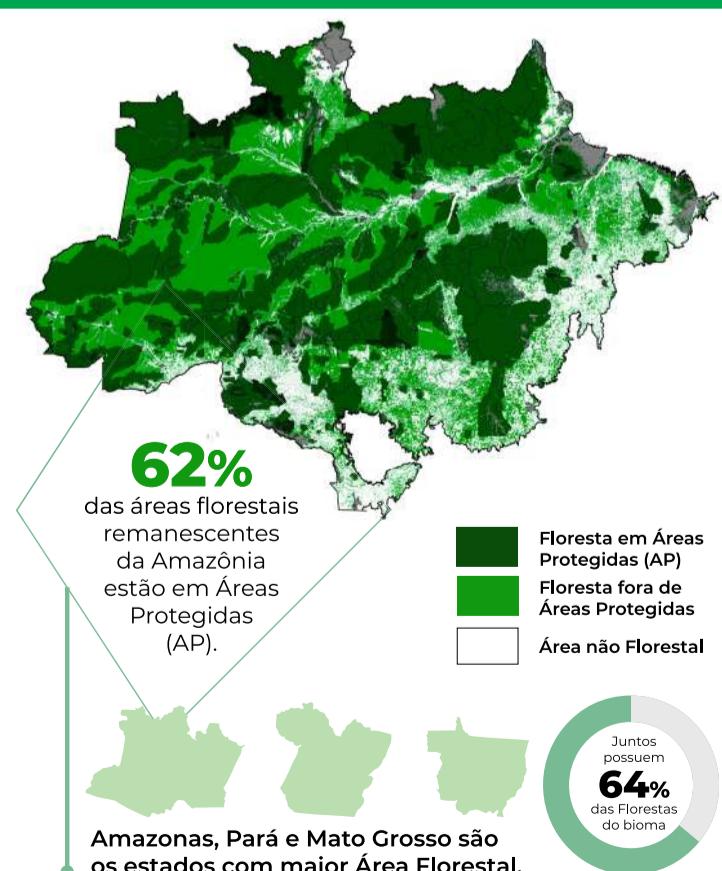
- Não ao marco temporal!

- Fim do desmatamento e fortalecimento da toda a estrutura de fiscalização ambiental

- Estatização, sem indenização e sob controle dos trabalhadores, de empresas que provocam desastres ambientais, como a Vale, do agronegócio e da indústria extrativista.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3STEILN](https://bit.ly/3STEILN)**

COBERTURA FLORESTAL NA AMAZÔNIA EM 2020



DEMOCRACIA DOS RICOS

‘Ricocracia’ não é democracia de verdade


**ISRAEL LUZ,
DE SÃO PAULO (SP)**

Em janeiro de 1982, revolucionários de vários países se uniram para dar continuidade às ideias de Karl Marx, Vladimir Lenin e Leon Trotsky de lutar pelo poder dos trabalhadores em todo o mundo.

Se você procurar pela palavra “democracia” no dicionário vai encontrar o seguinte: “governo do povo; sistema

político cujas ações atendem aos interesses populares; governo no qual o povo toma as decisões fundamentais”. O leitor e a leitora terão toda razão se, coçando a cabeça, pensarem: “bom, não é isso que existe no Brasil!”.

Mas para limpar o terreno, começemos estabelecendo que o problema não é a urna eletrônica, como diz Bolsonaro. Ele só fala disso por puro golpismo e por cálculo eleitoral. A questão é outra.

Muitas bocas, uma só voz
Um dos problemas da democracia atual é que você não verá partidos como o PSTU na televisão, sendo que temos a única chapa composta por uma trabalhadora negra e uma indígena. Existe um verdadeiro boicote.

O sistema político atual funciona para manter o lucro acima da vida. Quem fala a verdade sobre isso, como nós, é tratado como se não existisse. Um exemplo real:

Vera e Simone Tebet (MDB) têm o mesmo 1% nas pesquisas, mas só uma vai ser entrevistada no Jornal Nacional. Adivinhe quem foi convidada... Nesse caso, vale assinalar que nem há imposição por lei. É uma decisão puramente política da família Marinho.

Fica nítido que o problema não é a posição nas pesquisas. A questão é impedir que propostas para os trabalhadores e tra-

lhadoras possam chegar a milhões de telespectadores e tenham a chance de ganhar apoio massivo.

“Mas e o Lula?”, alguém pode perguntar. O candidato do PT pode não ter o apoio de parte da classe dominante no momento, mas também não põe medo nos donos do poder. Eles sabem que no horizonte petista inexistem qualquer intenção de atrapalhar os negócios da burguesia.

OBSTÁCULOS

As barreiras para representantes dos pobres e oprimidos

Peguemos, agora, o exemplo do Legislativo Federal. O Brasil tem 30 partidos na Câmara e 17 no Senado. Mas, no fim das contas, só um ponto de vista é representado: o da elite que controla a economia. Nas chamadas “casas do povo” não votam nada que resolva os nossos problemas mais urgentes. Ao contrário: depois de eleita, a turma tem a cara de pau de cortar verbas da Saúde e da Educação, acabar com as aposentadorias, retirar direitos trabalhistas etc.

Nesse sentido, as reformas eleitorais que criaram barreiras, como a “cláusula de desempenho” para o acesso à televisão e ao rádio, pioraram muito isto tudo. Este ano, a barreira é de 2% dos votos válidos e 11 deputados federais eleitos. Na próxima eleição, será de 2,5% e 13 eleitos. Em 2030, 3% e 15 eleitos. Trata-se de jogar na ilegalidade partidos sem ligações com grandes financiadores de campanha.

Além disso, repare só: talvez nunca se tenha falado tan-

to de racismo e dos povos indígenas nos grandes meios de comunicação. Mesmo assim, há pouco espaço para Vera e Rachel Tremembé. Isso, aliás, mostra outro aspecto da questão: a falsidada democracia racial brasileira.

As elites brancas sempre gostaram de apresentar nosso país como o reino da tolerância. Mais recentemente, a pressão dos movimentos sociais tem obrigado uma parte dos burgueses a reconhecer que não é assim.

As mudanças na legislação eleitoral têm, inclusive, o objetivo declarado de dar mais espaço para negros e mulheres nos parlamentos: quanto mais bem votadas essas candidaturas, maior a fatia do Fundo Partidário a que a legenda terá acesso. É preciso acompanhar os resultados eleitorais para ver o que acontecerá nesse quesito.

Seja como for, se tem uma coisa que os anos de governo Bolsonaro deixaram evidente é que não basta ser

mulher e/ou negro para defender os interesses dessas pessoas. Os exemplos grotescos de Sérgio Camargo, na Fundação Palmares, ou de Damares Alves, como Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, não nos deixam mentir.

Como escreveu o poeta Solano Trindade, “negros oprimidos em qualquer parte do mundo, não são meus irmãos”. Isso vale para qualquer oprimido e explorado que opte por ficar ao lado do inimigo.

REALIDADE

“Ricocracia” é ditadura da burguesia



A questão estratégica para os burgueses é manter viva a “ricocracia” em que eles mandam e nós temos que obedecer.

Não há democracia real com a propriedade privada das grandes empresas e dos latifúndios. As cercas reais ou imaginárias que impedem o acesso coletivo aos pilares da economia dão base para a dominação política da minoria sobre a maioria. Nós, trabalhadores e trabalhadoras, por vezes não nos atentamos a isso. Mas, a elite tem bastante consciência dessa verdade.

Nesse ponto você, leitor e leitora, pode estar se perguntando: “Mas, se isso tudo é verdade, que posição tomar diante das ameaças golpistas do presidente?”

Certamente, não dá para desconhecer os ataques que o bolsonarismo faz à ordem política. Um golpe do Bolsonaro significaria ampliar o genocídio que o Estado dito democrático já realiza, quase livremente, contra negros, negras, indígenas e trabalhadores em geral.

Mas, como bem disse Lênin certa vez: “Somos pela república democrática como me-

lhor forma de Estado para o proletariado sob o capitalismo, mas não temos o direito de esquecer que a escravatura assalariada é o destino do povo mesmo na república burguesa mais democrática”.

Justamente por isso é que o mais precioso direito que os explorados e oprimidos possuem em uma sociedade de exploração e opressão é o de resistir. E isso é muito diferente de defender a democracia tal como ela é.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QL3RIR](https://bit.ly/3QL3RIR)**

AMEAÇAS AUTORITÁRIAS

Ocupar as ruas contra o golpismo de Bolsonaro, com independência de classe e autodefesa



DA REDAÇÃO

Todos os dias Bolsonaro diz que não vai aceitar uma derrota nas eleições presidenciais. Ameaça com golpe e convoca sua base reacionária para sair às ruas no dia 7 de setembro. Bolsonaro tem parte do comando das Forças Armadas ao seu lado e vem armando sua militância radical. Pode tentar um autogolpe, embora seja muito improvável que uma dessas aventuras possa se consolidar.

Seu objetivo é tentar copiar Trump e armar uma tremenda e violenta confusão para ga-

rantar uma certa coesão dentre seus grupos mais fanáticos, a fim de continuar mobilizando e seguir existindo como uma força política. Por isso, Bolsonaro faz ameaças diárias de golpe e insufla sua militância de extrema direita para atacar adversários. E, face a esse perigo, não dá pra fechar os olhos.

O Brasil vive sua pior crise social e há um profundo retrocesso nas condições de vida da classe trabalhadora. A inflação, a fome, o desemprego e o trabalho precário são uma realidade para milhões. O projeto de Bolsonaro é arrancar, ainda mais, o couro dos

trabalhadores e trabalhadoras, aprofundando a superexploração e a barbárie social. Por isso, defende uma ditadura para que os trabalhadores não possam reclamar, abandonando com as liberdades democráticas, ou seja, com o direito de protestar, de fazer greves e de nos organizarmos.

Nesse momento, entretanto, Bolsonaro e a ultra direita não reúnem condições para impor uma ditadura, embora trabalhe pra isso cotidianamente. Uma parte importante da burguesia avalia que isso poderia ser uma aventura perigosa, que resultaria em mais



Ato na Av. Paulista realizado no dia 11 de agosto.

instabilidade nos seus negócios, afetando seus lucros. O imperialismo norte-americano, na figura do governo Biden, também não compartilha desse projeto. Por isso, Bolso-

naro implementa medidas eleitoreiras, tal como os R\$ 200,00 do Auxílio Brasil até o final do ano. Mas, em caso de derrota nas urnas, o genocida já falou que não vai aceitar o resultado.

PROJETO

Conciliação de classes não vai derrotar a ultra direita

Os trabalhadores têm muito a perder com os ataques às liberdades democráticas e, por isso, devem estar à frente dessa luta. A classe trabalhadora precisa chamar a mais ampla unidade de ação, para ir às ruas, com todos os que estejam contra um golpe e as ameaças às liberdades democráticas. Mas, com cara própria e independência política, não referendando as “Cartas” que defendem essa democracia dos

ricos e esse sistema de exploração dos trabalhadores.

Ficar a reboque de um projeto de unidade nacional com a burguesia, os banqueiros e o imperialismo, ou apoiar as alianças de classes materializadas na chapa Lula-Alckmin, não será capaz de derrotar Bolsonaro e suas ameaças. O motivo para isso é que, sob a conciliação, nada vai mudar, pois a realidade social que permitiu o surgimento do bolsonarismo continuará.

A ultra direita veio para ficar e, enquanto existirem as condições sociais e econômicas que alimentam o bolsonarismo, permanecerá esperando o momento certo para atacar. Mais ainda: o projeto de conciliação de classes, sintetizado num eventual governo Lula-Alckmin, pode levar à desmoralização e ao fortalecimento da ultra direita, vide a recente experiência de vários governos reformistas na América Latina, como Gustavo Boric (Chile) e Pedro Castillo (Peru).

É preciso levar a defesa das liberdades democráticas e o combate às ameaças golpistas às assembleias dos trabalhadores e incorporá-las nas campanhas salariais. É preciso mobilizar para os atos e avançar na construção da autodefesa das organizações populares e dos trabalhadores e trabalhadoras; assim como na organização de uma greve geral, caso Bolsonaro não acate o resultado das eleições e tente um golpe. Estivemos nos atos do último

dia 11 de agosto e vamos estar nas ruas em 10 de setembro.

A classe trabalhadora precisa lutar de forma independente contra as ameaças golpistas, mas com um projeto socialista. Esse é o caminho para, efetivamente, derrotar Bolsonaro e o fantasma do golpismo. A candidatura de Vera e Raquel Tremembé é um ponto de apoio para fortalecer e impulsionar esse projeto, a única via para jogar a ultra direita na lata do lixo da História.

CARTA

‘Queremos o direito de acabar com a exploração capitalista’



Mancha presente no ato do dia 11 realizado na Faculdade de Direito da USP.

Os atos do dia 11 de agosto foram importantes e aconteceram em diversas cidades, sen-

do os maiores em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Milhares foram às ruas e mostraram

disposição para lutar contra as ameaças golpistas. A “Carta pela Democracia”, organizada por professores da USP, teve grande repercussão em um dos atos, na Faculdade de Direito, que também reuniu representantes da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP) e da Federação Brasileira de Bancos (Febraban).

A “Carta” defende o “Estado Democrático de Direito”, que inclui a manutenção da propriedade capitalista, o sistema de

exploração e opressão e se coloca em defesa do capitalismo.

Nós temos outra opinião. “Frente às ameaças golpistas do genocida Bolsonaro defendemos as liberdades democráticas e o direito das eleições que conquistamos à custa de muito sangue e luta, mas, assim como em 1977 [na ditadura], os trabalhadores e a juventude precisam e querem mais que o ‘Estado Democrático de Direito’. Queremos o direito de acabar com a explo-

ração capitalista, de eliminar a propriedade privada, de impedir que a barbárie se aprofunde e, para nós, isso se faz golpeando juntos contra as ameaças golpistas, mas caminhando separados na construção de uma alternativa socialista e revolucionária para o país”, explicou Luiz Carlos Prates, o Mancha, candidato do PSTU ao senado, em São Paulo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3SXMANI](https://bit.ly/3sxmani)

PROGRAMA

Para ter emprego, direitos e renda é preciso atacar os lucros e propriedades das grandes empresas e dos super-ricos



DA REDAÇÃO

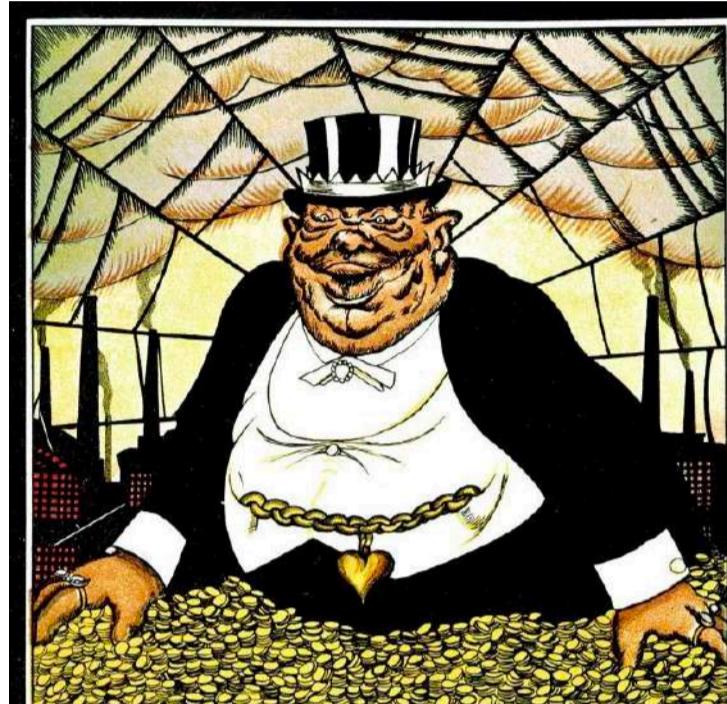
OBrasil é um dos países mais ricos e um dos maiores produtores de alimentos do mundo. Ao mesmo tempo, temos 33 milhões de pessoas que passam fome, o equivalente a toda população do Peru. A carestia, por sua vez, vem tirando a comida das mesas das famílias trabalhadoras. A carne virou item de luxo e os produtos dos supermercados são, a cada dia, substituídos por "subprodutos", como o "soro de leite", a "mistura láctea" ou os "fragmentos de arroz".

Ao contrário do que diz o governo, o desemprego não está baixando e não estamos tendo "deflação", mas justo o contrário. O desemprego em massa é escondido pelo subemprego e a informalidade que, após a Reforma Trabalhista, deram um salto. A inflação só diminuiu para quem ganha mais de R\$ 9 mil. A ampla maioria da população vê sua renda despencar ao mesmo tempo em que os preços disparam.

Na outra ponta da pirâmide, os bancos e grandes empresas anunciam lucros recordes e dividendos (os lucros repartidos) bilionários aos seus acionistas. É gente que nunca pisou numa fábrica, mas pelo simples fato de ter um papel que afirma que ele é dono de um pedaço da empresa, recebe parte dos lucros.

O trabalhador que, no dia-a-dia, é quem realmente produz as riquezas, por outro lado, sobrevive numa situação cada vez mais difícil, com salários e direitos rebaixados e permanentemente pressionado pela chantagem do desemprego, sendo, ainda, roubado através de um sistema tributário que recai em cima dos mais pobres e da classe média.

Isso acontece porque, no capitalismo, tudo o que existe (do avião ao celular ou do papel em que você está lendo isso agora) é produzido pela classe trabalhadora. Mas quase tudo é apropriado por uma ínfima minoria, os donos das grandes empresas, os banqueiros ou megainvestidores, através de lucros e dividendos bilionários. Até mesmo o imposto que os bilionários pagam, quando pagam, é fruto do trabalho não pago.



UM SISTEMA BASEADO NA EXPLORAÇÃO POR UMA MINORIA

É por isso que, ao mesmo tempo em que temos 62 bilionários no país, mais da metade do povo está desempregada, e mais da metade dos trabalhadores e trabalhadoras recebe menos de dois salários mínimos. Para a classe trabalhadora, restam os salários rebaixados, a carestia ou os sistemas de Saúde e Educação caindo aos pedaços. Para parte dos setores mais pauperizados, um auxílio de fome, que mal paga uma cesta básica.

Numa crise em que vivemos como a de agora, a saída dos capitalistas é aumentar ainda mais essa exploração, se apropriando de parte ainda maior da renda gerada pelos trabalhadores. Como resultado, por um

lado, temos a redução dos salários, e aumento nos preços, do outro. Duas faces de um mesmo processo: a espoliação da classe por uma minoria.

Por isso, para enfrentar os problemas mais emergenciais (como a fome e a carestia) e para resolver os problemas estruturais (como o desemprego, a falta de moradia, saneamento básico, saúde, educação etc.), é preciso atacar os lucros e propriedades das grandes empresas e dos super-ricos. É simplesmente retomar parte daquilo que já é nosso, para garantir condições mínimas de vida para a maior parte da população.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3W9YUHO](https://bit.ly/3W9YUHO)**



UM PROGRAMA EMERGENCIAL

Por emprego, renda, terra, saúde e educação

Precisamos de medidas para atender as necessidades mais urgentes da classe trabalhadora e da população, como a fome e a carestia. Mas, também, é preciso avançar sobre os problemas históricos, como o desemprego; a única medida que, de fato, pode garantir renda digna, além de medidas que tirem a Saúde, a Educação e demais serviços públicos do caos em que se encontram.

- AUXÍLIO EMERGENCIAL DE AO MENOS UM SALÁRIO MÍNIMO ENQUANTO NÃO HOUVER PLENO EMPREGO

Auxílio de R\$ 600 não paga, hoje, sequer uma cesta básica. É preciso um auxílio de verdade e que não dure só até as eleições, mas enquanto houver desemprego. Dinheiro para isso tem, basta tirar dos super-ricos.

SAIBA MAIS

COMO TAXAR OS BILIONÁRIOS PRA GARANTIR AUXÍLIO EMERGENCIAL

QUEM TEM	DEVE PAGAR DE ALÍQUOTAS %
R\$ 10 A 40 MILHÕES	- 5%
R\$ 40 A 80 MILHÕES	10%
ACIMA DE R\$ 90 MILHÕES	-15%

TOTAL: R\$ 1 TRILHÃO/ANO

COM ISSO SERIA POSSÍVEL

Garantir um salário mínimo a 66 milhões de famílias durante um ano.



ISENÇÃO DE TARIFAS (COMO ÁGUA, LUZ E TRANSPORTE) PARA TODOS OS DESEMPREGADOS

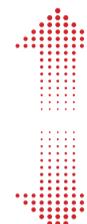


REVOCADA INTEGRAL DAS REFORMAS TRABALHISTA E DA PREVIDÊNCIA

A Reforma Trabalhista só ampliou o desemprego e a informalidade, o que, por sua vez, ajudou a pressionar os salários para baixo. Já a Reforma da Previdência, ao forçar a permanência por mais tempo no mercado do trabalho, aumenta o desemprego.

VEJA**Reforma trabalhista aumentou desemprego e informalidade**

DE 2016 A 2021

**+ 11,22%**

DE TRABALHADORES INFORMAIS

**+ 5,06%**

FORA DA FORÇA DE TRABALHO

- REDUZIR A JORNADA DE TRABALHO, SEM REDUZIR OS SALÁRIOS

Enquanto mais da metade dos trabalhadores e trabalhadoras não conta com emprego assalariado, os que estão empregados sofrem com a superexploração, jornadas extenuantes e sobrecarga. Para criar novos postos de trabalho, é preciso reduzir a jornada. Só a redução para 36 horas abriria mais de 10 milhões de postos de empregos. Defendemos a redução da jornada para 36 horas e para menos ainda, caso o desemprego aumente.

MAIS EMPREGO**Redução da jornada criaria 10,5 milhões de empregos****JORNADA ATUAL DE 44H:
EMPREGA 47,2 MILHÕES****JORNADA DE 36H:
EMPREGARIA 57,7 MILHÕES****AUMENTAR OS SALÁRIOS E IMPOR UM GATILHO SALARIAL DE ACORDO COM A INFLAÇÃO**

A maioria dos trabalhadores recebe menos que dois salários mínimos e é a parte que mais sofre com a carestia e a inflação. É preciso aumentar os salários, com um gatilho móvel de acordo com a inflação.

DUPPLICAR O SALÁRIO MÍNIMO, RUMO AO SALÁRIO MÍNIMO DO DIEESE, DE R\$ 6.388,55 (EM JULHO)LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3W9YUHO](https://bit.ly/3W9YUHO)**NEM PRA CESTA BÁSICA****Maioria recebe menos que dois salários mínimos****52%**

DOS TRABALHADORES RECEBEM MENOS QUE DOIS SALÁRIOS MÍNIMOS (R\$ 2.424)

**R\$ 770**

É O VALOR DA CESTA BÁSICA NO ESTADO DE SÃO PAULO.

- PLANO DE OBRAS PÚBLICAS PARA ABSORVER A MÃO-DE-OBRA SEM TRABALHO E RESOLVER O HISTÓRICO DÉFICIT HABITACIONAL E DE SANEAMENTO BÁSICO

Enquanto temos milhões de desempregados, há um déficit de 6 milhões de habitações e mais da metade da população não conta com água encanada ou esgoto.

**SEM SANEAMENTO****Metade do Brasil não tem esgoto****55%**

SEM COLETA DE ESGOTO:

51%

SEM TRATAMENTO DE ESGOTO:

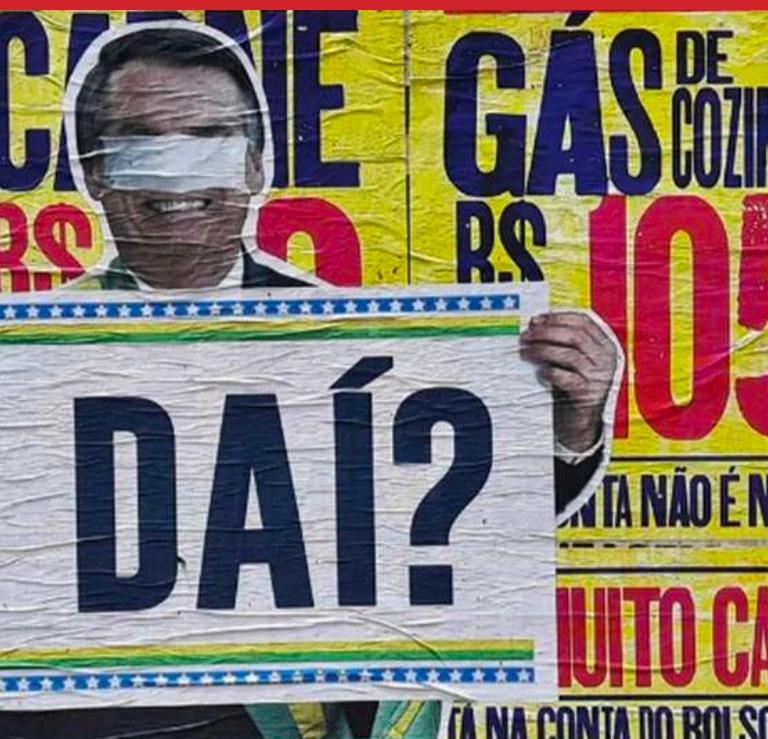
**- EDUCAÇÃO DE QUALIDADE PARA TODOS**

Estatizar, sem indenização, os grandes grupos privados de Educação, multiplicando os investimentos na Educação pública em todos os níveis.

**- SAÚDE PÚBLICA DE QUALIDADE**

Estatizar e incorporar ao Sistema Único de Saúde (SUS) os hospitais de saúde privada, que lucram com o descaso da saúde pública.

REFORMA AGRÁRIA RADICAL, SOB CONTROLE DOS TRABALHADORES



BOLSA EMPRESÁRIO

Fim das isenções daria para duplicar recursos para a saúde



R\$ 351 BILHÕES
ISENÇÕES FISCAIS EM 2021



R\$ 160,4 BILHÕES
ORÇAMENTO DA SAÚDE

POR SOBERANIA

Romper com o imperialismo e reverter o processo de recolonização

A brutal decadência e retrocesso que vivemos nas últimas décadas fazem parte do plano do imperialismo para recolonizar o Brasil, tornando-o novamente uma mera colônia agroexportadora. Isso vem se expressando no

aumento da exploração e da rapina, drenando cada vez mais as riquezas produzidas pelos trabalhadores e trabalhadoras para os cofres e os bolsos de um punhado de megaespeculadores e multibilionários.

REESTATIZAÇÃO DAS EMPRESAS PRIVATIZADAS, SOB O CONTROLE DOS TRABALHADORES

A submissão ao imperialismo ocorre também através da entrega do patrimônio nacional ao capital estrangeiro. O resultado é o que ocorreu com a Vale do Rio Doce: superexploração, tragédias por conta da ganância sem limites e destruição do meio ambiente. É preciso retomá-las e colocá-las sob o controle dos trabalhadores.

BOA SAÍDA

Governo socialista dos trabalhadores

Para ter emprego, renda, direitos, terra e soberania, é preciso romper com o imperialismo e atacar os lucros e propriedades dos grandes capitalistas. Por isso, não é possível impor um programa dos trabalhadores estando junto com banqueiros,

grandes empresários e latifundiários, como defende a chapa Lula-Alckmin.

Só é possível, de fato, mudar a vida da classe trabalhadora e da maioria da população através de um governo socialista dos trabalhadores, que derrube este

PARA TER EMPREGO, SALÁRIO E RENDA

Retomar o que é roubado pelas grandes empresas e os super-ricos

Ao contrário do que dizem o governo e os capitalistas, é possível garantir pleno emprego, renda, direitos, terra e serviços públicos de qualidade para todos. Basta redirecionar as riquezas produzidas pela classe trabalhadora para a própria população, e não aos megainvestidores internacionais, os banqueiros e os grandes empresários, como é hoje.

ESTATIZAÇÃO DAS 100 MAIORES EMPRESAS, SOB O CONTROLE DOS TRABALHADORES

Hoje, o que é produzido pela classe trabalhadora é apropriado por um pequeno conjunto de grandes empresas que controlam tanto a produção quanto a distribuição. São grandes monopólios que dominam a economia não para atender as necessidades da população, mas para seus próprios lucros. É preciso tomar o controle das grandes empresas e colocá-las a serviço dos interesses do povo.

IMPOSTO FORTEMENTE PROGRESSIVO

A classe trabalhadora produz tudo o que existe, do lucro roubado pelos patrões até o imposto que ele paga e, na maioria das vezes, sonega. Para piorar, a desatualização da tabela do Imposto de Renda pelo governo Bolsonaro vem aprofundando a já desigual estrutura tributária. Mantendo-se assim, em pouco tempo até quem recebe um salário mínimo vai ser taxado. Defendemos a isenção a quem ganha até 10 salários mínimos.

- FIM DAS ISENÇÕES ÀS GRANDES EMPRESAS

As isenções concedidas às grandes empresas são um verdadeiro escândalo. Quem paga esse prejuízo bilionário é a classe trabalhadora. Acabando com essa farra, daria para duplicar o orçamento da Saúde.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3W9YUHO](https://bit.ly/3W9YUHO)**



SUSPENSÃO DO PAGAMENTO DA DÍVIDA AOS BANQUEIROS

A dívida pública é um mecanismo de rapina que drena os recursos do país para os banqueiros internacionais. É justificativa, ainda, para imposição do teto de gastos e toda política de arrocho fiscal.



- ESTATIZAÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO E PROIBIÇÃO DAS REMESSAS DE LUCROS

regime e esse sistema, e imponha, pela mobilização, um governo seu. Para isso, é necessário fortalecer uma alternativa socialista e revolucionária. Nestas eleições, a chapa Vera e Raquel Tremembé, do PSTU e do Polo Socialista Revolucionário, tem este desafio.

Eleições 2022



AMAPÁ.....
GOVERNADOR
PROFESSOR GIANFRANCO
VICE
ANA PAULA PINHEIRO



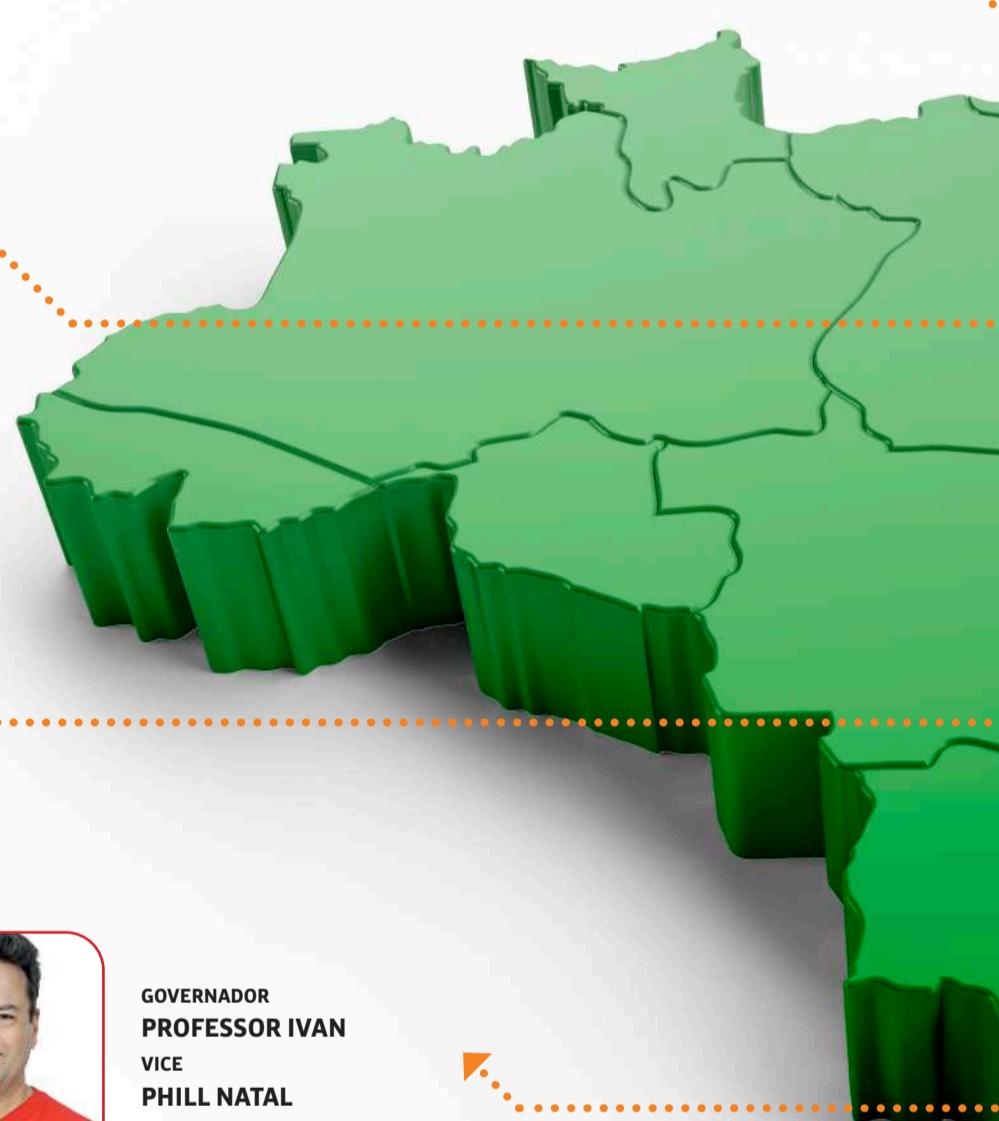
MARANHÃO.....
GOVERNADOR
HERTZ DIAS
VICE
JAYRO MESQUITA
SENADO
SAULO ARCANGELI - 161



PARÁ.....
GOVERNADOR
CLEBER RABELO
VICE
BENEDITA AMARAL
SENADO
JOÃO SANTIAGO - 160



DISTRITO FEDERAL.....
GOVERNADOR
ROBSON DA SILVA
VICE
EDUARDO ZANATA
SENADO
ELCIMARA DE SOUZA - 161



GOVERNADOR
PROFESSOR IVAN
VICE
PHILL NATAL



SANTA CATARINA.....
GOVERNADOR
ALEX ALANO
VICE
GABRIELA SANTETTI
SENADO
GILMAR SANTOS SALGADO - 161



RIO GRANDE DO SUL.....
GOVERNADORA
REJANE DE OLIVEIRA
VICE
VERA ROSANE
SENADO
FABIANA SANGUINÉ - 160

Votar nos deputados estaduais e federais do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário

O PSTU e o Polo Socialista e Revolucionário terão candidaturas a deputados estaduais e federais em 18 estados. É importante também votar no 16 para os cargos proporcionais. Precisamos eleger deputados socialistas e revolucionários, compromissados com a luta e com as pautas da classe trabalhadora, da juventude, dos oprimidos e explorados.

Junte-se a nós na construção dessa campanha coletiva, por uma alternativa socialista, com independência de classe, encabeçada pelo PSTU e pelas correntes políticas que formam o Polo Socialista e Revolucionário.

Nem o projeto de ditadura de Bolsonaro e a extrema direita, nem o projeto de conciliação de classes do PT, PCdoB e PSOL, representado na chapa Lula-Alckmin. Construir uma verdadeira saída de classe, independente, socialista e revolucionária. Nas eleições, para presidente, governador, senador e deputados federais e estaduais, vote 16.



POLÊMICA

Lula com “Chuchu” é um prato amargo para os trabalhadores



JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

Diantre deste governo da fome, do genocídio e da miséria, é natural que os trabalhadores e trabalhadoras queiram votar em qualquer um para tirar Bolsonaro. O problema é que, com o cenário atual das pesquisas eleitorais, muitos consideram que isso, necessariamente, signifique votar em Lula no primeiro turno. Mas, o que Lula defende e planeja fazer caso seja eleito?

Para responder essa questão, nada mais esclarecedor do que o encontro, realizado no dia 9 de agosto, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), onde estiveram presentes Lula, o “picolé de chuchu” Alckmin, Aloísio Mercadante e os principais representantes do grande empresariado brasileiro.

Lula disse, por exemplo, que repetiria a mesma promessa que fez aos empresários na Espanha: “Sabe o que eu vou garantir para vocês? Mercado. O que vocês querem é investir no Brasil para ganhar dinheiro. Isso vai ser garantido.”

Com esta fala, o ex-presidente conseguiu demonstrar, ao mesmo tempo, a subversividade aos países ricos e o caráter capitalista de seu pro-



grama, de defesa da burguesia e da garantia dos lucros dos ricos.

DEFENDE AS REFORMAS E TETO DE GASTOS

Quando criticou o teto de gastos de Temer foi para defender o teto de gastos em si, dizendo que quem tem responsabilidade fiscal não precisa da “lei de teto”. Ou seja, a lógica é que ele seria mais fiel ao teto do que seu criador e, por isso, não precisaria estabelecer um teto. Repetiu, à exaustão, que seu governo teve superávit e responsabilidade fiscal e, assim, prosseguirá. Inclusive, citou equivocadamente este motivo, junto com a Reforma da Previdência, como a causa do surgimento do PSTU.

Também garantiu que irá fazer uma Reforma Adminis-

trativa, o que, evidentemente, significaria mais ataques ao funcionalismo público e não aos altos salários das cúpulas dos poderes. O mesmo que pode ser dito sobre sua proposta de Reforma Tributária, já que deixou evidente que ela seria feita para agradar aos empresários e para desonerar a “produção”, ou seja, os ricos. E como também defende uma Reforma Tributária “consensual” com todo mundo, com participação da Fiesp e demais setores burgueses, isso obviamente, não poderá ser benéfico para os trabalhadores.

VENDA DO PAÍS E GARANTIA DOS LUCROS DOS RICOS

Ao longo da sabatina, Lula garantiu que seu governo dará “credibilidade, estabilidade e previsibilidade” para o país o



Lula conversa com empresários na Fiesp.

que significa apenas garantir um bom ambiente para os negócios capitalistas. Por isso, também repetiu inúmeras vezes que o papel do presidente é vender o país e abrir as portas para os negócios capitalistas. Em certo momento, citou que durante seu governo pegou vários empresários e saiu por aí, pelo mundo, vendendo o país e, ainda, afirmou: “vocês, empresários, vão voltar a ser respeitados, vocês vão ser tratados com a defesa que têm que ser tratados nas relações internacionais.”

Emendou, ainda, com perguntas retóricas sobre o que os empresários precisam para ganhar dinheiro, às quais ele mesmo respondeu, defendendo que, além de uma regulação mais flexível, também é necessária uma Reforma Tributária

que agrade a todos. Pelo mesmo caminho, defendeu uma Reforma Trabalhista, na qual “o negociado prevaleça sobre o legislado” e que ninguém quer retomar direitos de 1943. Disse, ainda, que não conhece nenhum sindicalista que queira recuperar o que foi perdido.

As declarações de Lula na Fiesp são a confirmação de que seu programa de governo é para atender aos interesses dos capitalistas. Esta é a essência de sua aliança com Alckmin. Como também as frentes eleitorais que o PT está compondo nos estados com outros setores da burguesia (e até com o partido de Bolsonaro) são apenas maiores demonstrações desse mesmo compromisso.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DXXGCE](https://bit.ly/3DXXGCE)**

PELA DIREITA

Lula diz que Bolsonaro fez pouco pelo agronegócio

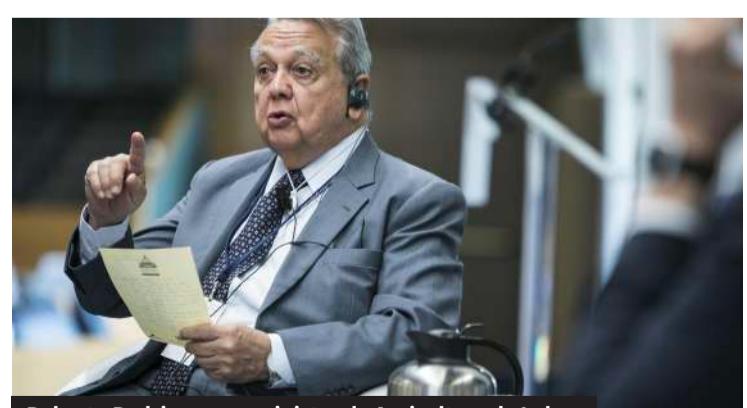
Óbvio que Lula e Bolsonaro não são iguais. Há diferenças enormes, por exemplo, em relação ao regime político, já que Bolsonaro defende uma ditadura e faz permanentes ameaças golpistas e autoritárias. Mas, no terreno econômico, qual crítica Lula fez a Bolsonaro, na Fiesp? Com a palavra, o próprio Lula, se referindo a uma Medida Provisória que, em pleno ano eleitoral, permitiu a “rolagem” de uma dívida dos ruralistas

que chegava a R\$ 89 bilhões na época.

“Esses dias eu tive uma reunião com empresários. Eu queria saber por que o agronegócio gosta do Bolsonaro, e eu fiz essa pergunta. Eu queria saber o que o Bolsonaro fez de bom. Nada! Eu duvido alguém dizer o que o Bolsonaro fez para o agronegócio. A última medida grande para o agronegócio foi feita por nós, uma medida provisória em 2008, quando a gente resolveu a dívida ruralista. Se a

gente não fizesse aquilo, quebrava o setor inteiro.”

Que o governo Bolsonaro é um desastre completo é evidente. Mas não somente porque não sabe fazer, mas porque foi um governo que garantiu os interesses dos grandes capitalistas. Isto Lula não fala. Na verdade, a crítica de Lula vai no sentido contrário. Diz que o que há de ruim em Bolsonaro é que fez pouco pelos grandes empresários do agronegócio. Ou seja, a grande crítica de



Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura de Lula.

Lula a Bolsonaro é sua ineficiência ou inaptidão na gestão do capitalismo brasileiro.

Por isso, conclui afirmando que seu governo seria uma volta à normalidade.

COMO O DIABO QUER

A esquerda que a direita gosta governa para a burguesia



Lula e o banqueiro Henrique Meireles, ex-presidente do BC



Lula parte da antiga ideia, reproduzida nos seus governos anteriores, de que é possível garantir os interesses dos capitalistas juntamente com os interesses dos trabalhadores e trabalhadoras. Igualmente mesmo os interesses. Ou, como ele mesmo disse: "Nenhum trabalhador quer que o empresário quebre. Porque ele é a primeira vítima quando o empresário quebra. Queremos que o Brasil evolua. É com esse espírito que queremos governar esse país."

O problema é que não é possível atender, ao mesmo tempo, aos interesses dos trabalhadores e dos capitalistas, pelo simples fato de que são opostos. Qualquer trabalhador que já tenha participado de uma greve ou negociação

Isso ocorre justamente porque, no capitalismo, os donos das empresas só têm como objetivo aumentar a produtividade: produzir cada vez mais, pagando cada vez menos. Não só para aumentar sua riqueza a todo custo, mas também para sobreviver na competição com outros capitalistas.

A BARCA FURADA DA ALIANÇA COM OS RICOS

Então, o rebaixamento permanente das condições de vida dos trabalhadores, por um lado, e o crescimento do lucro dos grandes empresários, por outro, são condições que sempre irão aparecer enquanto houver capitalismo. O fato de que isso possa ser atenuado um pouco em certos momentos, principalmente pelas lutas sindicais dos trabalhadores, não altera esta lógica. No máximo, a posterga para outro momento.

Por isso que a fala de Lula cai no vazio, quando ele se refere, por exemplo, ao combate à miséria e ao fim dos 33 milhões de brasileiros que passam fome. Assim como sua defesa do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Educação pública, que na verdade durante seus governos foram alta lucratividade para plano de

saúde e educação privadas. Seu plano, como foi dito aos empresários, é que o "pobre consuma", o que, segundo ele, aqueceria a economia e todo mundo sairia ganhando. O que é um completo absurdo, considerando os milhões de brasileiros que não têm recursos sequer para consumir o básico. E inclusive, neste quesito, qualquer política é limitada pela responsabilidade fiscal exigida pelos banqueiros.

O necessário seria garantir e ampliar o Auxílio-Brasil (ou Bolsa Família), assim como investir mais em Educação e Saúde públicas; congelar os preços e acabar com a miséria, garantindo empregos e salários dignos para os trabalhadores e trabalhadoras. Não é possível colocar o pobre no orçamento sem romper com a dominação dos banqueiros e grandes empresários.

O caminho para a classe trabalhadora não passa pelo apoio a Lula, mas, sim, pelo fortalecimento de sua auto-organização, sua consciência e suas lutas. Por isso também é lamentável ver o papel que outros setores, que durante muitos anos foram oposição ao governo do PT, vêm cumprindo hoje, embarcando nesta nova barca furada, como faz o PSOL, que endossa e comemora o atual programa eleitoral de Lula.

Para o Brasil se desenvolver e acabar a miséria é preciso expropriar as 100 maiores empresas e os bilionários

Para sustentar sua tese, Lula e o PT apresentam um projeto econômico que se propõe a desenvolver o capitalismo e aumentar a produção e competição internacionais. E fazem isso sem questionar a dominação imperialista no país ou nossa localização subalterna na divisão internacional do trabalho.

Mas, ao fim e ao cabo, é curioso que o ex-presidente chame seu projeto de "reindustrialização": "É preciso que a

gente discuta novos nichos de indústria para fazermos investimentos. No quê a gente vai competir? Muitas vezes a gente fala em commodity, sobretudo no agronegócio, como se fosse uma coisa menor, sem levar em conta o quanto de engenharia, de investimento em tecnologia tem num grão de soja hoje, sem levar em conta os investimentos da genética na criação do nosso rebanho. Uma galinha que levava 90 dias para matar hoje você mata com 35 dias. Um boi que levava 48 meses hoje você mata com 18", defendeu Lula na Fiesp.

Ou seja, o que Lula defende é o aprofundamento do nosso papel econômico no mundo, como se o aperfeiçoamento de commodities colocasse o Brasil em um patamar superior no mundo. O problema é que o suposto desenvolvimento capitalista esbarra no caráter parasitário da burguesia brasileira, rentista (ou seja, que vive exclusivamente de rendas e lucros) e serva do imperialismo. Mas, também, o PT parece esquecer que o próprio capitalismo está em crise, inclusive nos países centrais. Mas, nem assim Lula pretende romper com esta submissão.

Qualquer burguês ou capitalista diria que isso não é possível. Falariam que o desenvolvimento brasileiro esbarra na falta de capital, de tecnologia e de condições para que isto aconteça. E isso só comprova a necessidade imperiosa de expropriarmos os grandes grupos capitalistas, de tal modo que seja colocado nas mãos do povo um volume tão grande de capital e riqueza que possibilite não só desenvolver o país como, também, garantir salários e vida digna para o povo. Basta fazer as contas para percebermos que numa economia planejada isso seria perfeitamente possível, sem o parasitismo do lucro de meia dúzia de bilionários.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3DXXGCE](https://bit.ly/3DXXGCE)**

PELO MUNDO

Greves e levantes despontam em todo o mundo

FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)

Os ferroviários no Reino Unido preparam novas paralisações para os dias 18 e 22 de agosto por garantia no emprego, melhores salários e condições de trabalho. Outras categorias, como condutores de ônibus e aeroviários, podem paralisar suas atividades também.

Na Noruega, os trabalhadores petroleiros paralisaram três campos offshore no dia 5 de julho por melhores salários.

Na Alemanha, o sindicato IG-Metall convocou greves em 50 empresas desde 1º. de junho, mobilizando 16 mil trabalhadores por 8,2% de reajuste salarial. A patronal ofereceu apenas 4,2%.

Na França, as centrais sindicais Solidaires e CGT convocam uma greve geral nacional para 29 de setembro por reposição salarial, direitos trabalhistas e previdenciários.

Nos países semicoloniais, importantes levantes despontam no Equador, no Sri Lanka e no Panamá, todos eles contra a inflação dos produtos básicos e combustível.



TOMANDO DE ASSALTO - Cenas da tomada do palácio presidencial pelo povo do Sri Lanka.

DESASTRE CAPITALISTA PREPARA NOVOS LEVANTES E LUTAS

A razão das greves e levantes é a explosão dos preços de alimentos e combustíveis que garantem os lucros recordes do agro-negócio e das empresas petrolíferas em detrimento de toda a população.

Mas este não é o único desastre do capitalismo. Também não foi capaz de prover vacinas contra a covid-19 para toda a população mundial, pois as grandes farmacêuticas não aceitam entregar gratuitamente imunizantes para os países

paupérrimos. Essa questão de "mercado" levou à morte mais de meio milhão de seres humanos em vários países, e ainda hoje nos ameaça com novas ondas de contaminação e mortes.

A economia capitalista mundial vive um ciclo descendente desde 2007. Segundo o economista marxista Michael Roberts, a Europa se move em direção à recessão econômica. A produção industrial alemã já está com crescimento negativo há três meses. A novidade é que os Estados Unidos também estão se movendo na mesma direção.

O presidente Joe Biden comemorou a aprovação do projeto de lei de US\$ 430 bilhões para supostamente reduzir a inflação e as mudanças climáticas. Mas o próprio projeto garante a expansão da exploração de petróleo e gás em terras e parques nacionais. E a maior parte desses recursos será repassada para empresas capitalistas. Ou seja, não haverá investimento público para o que é necessário, ou seja, um plano global para desenvolver energia renovável, agricultura orgânica, transporte público ou saneamento básico.

Para piorar, os governos europeus e americanos anunciaram uma forte ampliação de investimentos na indústria armamentista após a invasão da Ucrânia pela Rússia. O chamado complexo industrial-militar é um grande emissor de gases de efeito estufa. Mas essa produção bélica não é para a resistência ucraniana, que recebe armamentos em geral ultrapassados e a conta-gotas. É parte da corrida armamentista entre as grandes potências que preparam novos horrores para a humanidade, tal como anuncia a disputa entre a China e os Estados Unidos.

REFORMISMO

Novos governos de 'esquerda' na América Latina querem salvar o capitalismo



Gabriel Boric e Gustavo Petro foram eleitos respectivamente no Chile e na Colômbia. Isso não se deu por acaso. Houve uma explosão social no Chile iniciada em outubro de 2019, e na Colômbia tivemos o 'grande paro nacional'. Os dois presiden-

tes se apresentam como de esquerda. Mas ambos defendem salvar o capitalismo através de sua política reformista.

É claro que Boric e Petro não conseguirão convencer os capitalistas a abrirem mão de seus privilégios, nem pretendem fazer qualquer pressão para isso. Ao contrário, nomearam burgueses para ministérios importantes. Neste cenário econômico decadente, os seus esforços em salvar o capitalismo os levarão a enfrentar a classe trabalhadora e os pobres. Essa é a mesma perspectiva de um futuro governo Lula no Brasil.

SAÍDA COM INDEPENDÊNCIA DE CLASSE

Aliança com a burguesia contra o mal maior não é solução

A maioria das organizações de esquerda argumenta que a única forma de barrar a extrema direita, seja os pinheiros, uribistas (Colômbia) ou bolsonaristas, é apoiar esses candidatos de esquerda capitalistas e suas alianças burguesas.

A eleição desses candidatos não representa uma garantia contra a extrema direita. A eleição de Lula, ou do Syriza na Grécia, não impedi a extrema direita ou a volta da direita. Ela só será barrada pela conscientização e organização indepen-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3CEK37E](https://bit.ly/3CEK37E)

dente da classe trabalhadora e sua luta.

O papel dos revolucionários é construir uma alternativa de classe que defenda as

ideias da revolução socialista e que, ao mesmo tempo, trabalhe a frente única necessária para derrotar a extrema direita.

LIT(QI)

40 anos construindo uma alternativa revolucionária

Em janeiro de 1982, revolucionários de vários países se uniram para dar continuidade às ideias de Karl Marx, Vladimir Lenin e Leon Trotsky de lutar pelo poder dos trabalhadores em todo o mundo.

A partir da experiência de 150 anos de lutas da classe trabalhadora, decidiram formar um partido mundial pela revolução socialista: a Liga In-

ternacional dos Trabalhadores (Quarta Internacional).

Rejeitando o stalinismo e sua política totalitária de “socialismo em um só país”, defendem a democracia operária e o internacionalismo proletário.

A LIT-QI também foi formada em alternativa a outras organizações que, apesar de sua origem no marxismo revolucionário, capitulam ao sta-

linismo e suas variantes castista, chavista ou maoísta; ou cedem às pressões nacionalistas ou eleitoralistas, tão comuns nos nossos dias. Ao contrário, lutamos contra todas as formas de exploração e opressão.

Recentemente a LIT-QI lançou um novo website em português, espanhol, inglês, francês, árabe e russo: www.litci.org



O PSTU É A SEÇÃO BRASILEIRA DA LIT-QI.
VENHA CONHECER NOSSAS IDEIAS PARA O BRASIL
E PARA O MUNDO.



ENTREVISTA

‘Trabalhadores estão na resistência contra a invasão criminosa de Putin’

Nesta entrevista, o diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, integrante da CSP-Conlutas e trabalhador da Embraer, Herbert Claros, fala sobre o sindicalismo internacionalista, com independência de classe, e sua campanha de solidariedade à Ucrânia, que resiste há mais de cinco meses à brutal invasão russa.



Como foi a experiência do comboio de ajuda operária à Ucrânia?

Herbert Claros - No final de abril, a Rede Sindical Internacional de Solidariedade e Lutas (RSISL) enviou uma delegação de 20 sindicalistas de cinco países para entregar 800 quilos em ajuda humanitária para o sindicato dos mineiros ucranianos de Krivyi Rikh. Foi nossa forma de expressar solidariedade com a resistência ucraniana.

Participamos também de uma Conferência sobre a Guerra organizada pelos movimentos sociais na cidade de Lviv.

Qual é a situação na Ucrânia?
Herbert - Os trabalhadores estão na resistência contra a invasão criminosa de Putin. Também enfrentam uma reforma trabalhista feita pelo próprio governo Zelensky em benefício dos oligarcas ucranianos. En-

frentam ainda a hipocrisia dos países europeus e dos Estados Unidos, que fazem discursos a favor da Ucrânia, mas se negam a entregar o armamento que a resistência ucraniana precisa para derrotar Putin e libertar o país. Há também a questão da maioria da esquerda internacional que ou apoia Putin ou se opõe ao envio de armas para a Ucrânia se defender.

Há alguma proposta de voltar à Ucrânia?

Herbert - A Rede Sindical Internacional está discutindo um segundo comboio para o mês de setembro.

Como foi a participação da delegação do Sindicato dos Metalúrgicos na Conferência do Labor Notes em Chicago no mês de maio?

Herbert - Foi muito interessante ver que há uma nova situação nos Estados Unidos. Essa conferência reúne ativistas sindicais críticos à conciliação de classes. Havia 4 mil pessoas. Estava presente o presidente do recém-formado sindicato na Amazon de Nova York. O crescimento do sindicalismo de luta está relacionado à grande mobilização contra a violência policial racista após o assassinato de George Floyd.

Há mais atividades da Rede para este ano?

Herbert - Sim. Por exemplo, haverá uma reunião do sindicalismo europeu alternativo na qual as organizações da Rede participarão no início de setembro, em Roma, para discutir uma ação sindical conjunta em nível continental. Estamos

também lançando neste mês um novo site da Rede.

É realmente necessário ter uma organização sindical mundial?

Herbert - Assim como é necessário construir um partido mundial da revolução socialista, como é a LIT-QI, é necessário construir uma organização de frente única para impulsionar a solidariedade internacional entre os trabalhadores. Infelizmente, a Confederação Sindical Internacional (CSI) trabalha na perspectiva da conciliação de classes, e a Federação Sindical Mundial se atrela aos interesses dos governos chinês, cubano e russo. A Rede Sindical que construímos é de luta e 100% independente de patrões e governos.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3C4QOB5](https://bit.ly/3c4QOB5)**

CONFIRA NOVOS LANÇAMENTOS

Editora lançará livros sobre a situação mundial

A Editora Sundermann prepara o lançamento de quatro livros muito importantes para entender a situação internacional, segundo seu editor Jorge Breogan. O ativista e marxista chinês Au Loong-Yu é autor de obra sobre a luta por direitos democráticos em Hong Kong, que terá um prefácio especial para a edição brasileira sobre a economia política chinesa. Serão lançados ainda os primeiros volumes de uma coleção de sete livros sobre a História da União Soviética, escrita pelo historiador Vadim Rogovin em consulta aos arquivos do Estado. Da ativista palestino-brasileira Soraya Misleh será lançada sua obra sobre as mulheres palestinas, baseada no seu trabalho de doutorado. Por fim, será lançado o livro do historiador marxista libanês Fawwaz Traboulsi sobre a História Moderna do Líbano.

FEMINICÍDIO

O machismo e o capitalismo estão nos matando. Basta de violência contra as mulheres!



MARCELA AZEVEDO, DO MOVIMENTO MULHERES EM LUTA (MML) E DA SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU

Renata, Sandra, Tayane, Letícia, Sarah. Nomes comuns de mulheres vítimas de violência doméstica. Para quatro delas, o fim foi o trágico feminicídio; para a única sobrevivente o desfecho foi profundamente cruel, com o nome do ex-namorado tatuado no rosto.

Infelizmente, comuns também têm sido casos como esses no Brasil. Segundo o Anuário de Segurança Pública, em

2021 foram registrados 230.861 casos de agressão por violência doméstica, crescimento de 0,6% em relação ao ano anterior, além de 597.623 ameaças e a concessão de 370.209 medidas protetivas de urgência.

Os feminicídios também aumentaram. Foram registrados 1.341 casos em 2021, sendo que 68,7% das vítimas, assim como as citadas no início do texto, tinham idade entre 18 e 44 anos, e



68% eram mulheres negras. Pelo que estamos acompanhando nos noticiários, 2022 deve ser ainda pior para as

mulheres trabalhadoras.

Só no primeiro semestre deste ano, Pernambuco registrou um feminicídio a cada

4,5 dia; o Maranhão registrou 32 no mesmo período, e o Rio de Janeiro teve um aumento de 20% de assassinato de mulheres. Em todos os estados brasileiros os índices são semelhantes e refletem a nefasta combinação da crise econômica com governos que sucessivamente cortam investimentos em políticas e serviços públicos de combate à violência machista.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3K8CAUY](https://bit.ly/3K8CAUY)**

BALANÇO

16 anos da Lei Maria da Penha e a falta de investimento

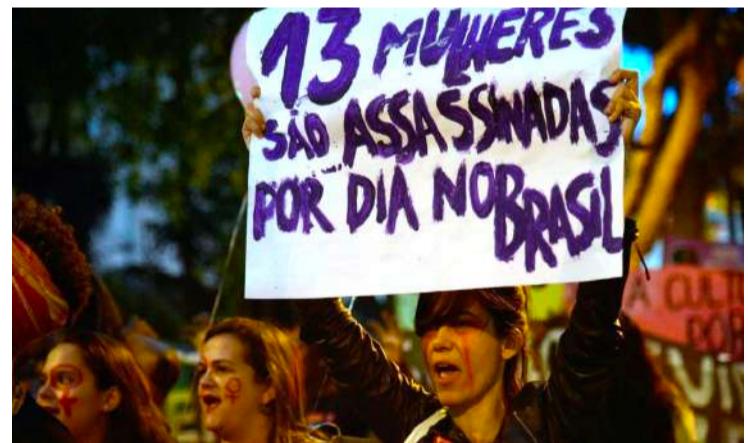
No último dia 7, a Lei Maria da Penha completou 16 anos. Essa lei, produto de 18 anos de denúncia do Estado brasileiro aos organismos internacionais de direitos humanos, reflete a contradição imposta pelo capitalismo às nossas lutas.

É considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) a terceira melhor legislação no mundo de proteção à mulher, atrás apenas das leis espanho-

la e chilena. Entretanto, jamais foi efetivada por completo. Teve seu já pequeno orçamento diminuído sistematicamente ano após ano, independentemente do governo vigente. E não impediu que o Brasil desse um salto do sétimo para o quinto lugar no ranking internacional de países que mais matam mulheres.

Isso porque, no sistema capitalista, toda e qualquer conquista é arrancada através de mu-

to esforço e luta, mas é retirada sorrateiramente pelos representantes da burguesia, por trás de cortinas de fumaça como discursos de empoderamento e campanhas de “conscientização”, como o Agosto Lilás, que responsabilizam apenas os indivíduos, sem denunciar aqueles que se beneficiam da nossa opressão. No capitalismo nossas demandas são garantidas apenas de forma incompleta e efêmera.



GOVERNO MACHISTA

Sob o Governo Bolsonaro somos massacradas

Bolsonaro é inimigo das mulheres trabalhadoras e jovens desde antes de chegar ao poder. Sempre reproduziu a opressão e defendeu a violência machista, assim como defende o fim das liberdades democráticas.

Não à toa posou tranquilamente com o assassino de Daniela Peres e manifestou solidariedade a outros agressores de mulheres. Mas não parou por aí. Transformou seu discurso de ódio em política contra as mulheres, reduzindo drasticamente os investimentos às vítimas de violência.

Para 2022, o valor aprovado para a área é o menor de todos os anos do governo, ficando em míseros R\$ 44 milhões, sendo que a maior parte – R\$ 31,1 milhões – foi destinada ao Disque 180, serviço telefônico que serve apenas para notificar a violência. Já para a rede de serviços de atendimento às vítimas, como as “Casas da mulher brasileira”, o valor estimado foi de R\$ 7,7 milhões. E o pior é que nem metade disso foi executada até o momento, inclusive zero centavo foi destinado para as redes assistenciais no primeiro semestre.

MAS ANTES TAMBÉM NÃO ESTAVA BOM

Grande parte dos movimentos feministas ligados ao PT e a frente ampla denuncia Bolsonaro, afirmando que nos governos de Lula e Dilma a situação das mulheres era melhor. Isso é uma falácia, pois, embora tenham prometido muito para as mulheres, pouca coisa saiu do papel. Entre 2009 e 2011, os recursos da Pasta de mulheres caíram quase 50% (de R\$ 48 milhões em 2009 para R\$ 17 milhões em 2010). Além disso, a execução dos valores, ao longo do período, girou em torno de 40%.

A LUTA SEGUE POR DIREITOS ELEMENTARES

Por isso, é um erro apontar o caminho eleitoral e, principalmente, a chapa Lula-Alckmin como única saída para as mulheres trabalhadoras. Diante dos ataques de Bolsonaro e seus aliados, todos os movimentos de mulheres deveriam estar convocando manifestações de rua para frear o genocídio. Estivemos nos atos do último dia 11 de agosto e estaremos nas ruas em 10 de setembro, e achamos que lá é o lugar das mulheres e jovens

para denunciar nossa condição e exigir mais investimento em políticas públicas para combater a violência, o que pode ser feito com a suspensão do pagamento da dívida pública, por exemplo.

Achamos também que toda a nossa mobilização por direitos elementares precisa estar a serviço de destruir o sistema capitalista, para que de fato consigamos, através da construção do socialismo, alcançar nossa total emancipação e a consolidação de

REVOLUÇÃO

Socialismo é a única alternativa para a humanidade

Há muita confusão e dúvidas sobre o que significa exatamente socialismo. Muitos perguntam: socialismo é o que foi feito na Venezuela, em Cuba, na Coreia do Norte ou na China? Para começar, vamos ver o que é o capitalismo, o sistema dominante em todo o mundo.

DA REDAÇÃO

CAPITALISMO

SISTEMA DE EXPLORAÇÃO DO TRABALHO E DA NATUREZA

Antes de tudo, é preciso entender o capitalismo. Esse sistema surgiu na Europa e tem aproximadamente 500 anos. Ao longo de sua história, expandiu-se mundo afora e integrou todos os países numa só economia.

O capitalismo é baseado na exploração dos trabalhadores e da natureza. Capital ou dinheiro não nasce em árvore. O capital só pode ser aumentado se a força de trabalho for usada para transformar matérias-primas, produzindo mercadorias. É por isso que são os trabalhadores que produzem toda a riqueza.

Todo trabalhador sabe que não é pago por tudo o que produziu. Ele fica apenas com uma parte muito pequena, que é o salário – o valor mínimo que garante sua reprodução. O restante é apropriado pelo burguês capitalista, dono dos grandes meios de produção, ou seja, empresas, fábricas e bancos. Essa classe enriquece com o trabalho dos trabalhadores. Essa riqueza é apresentada como mais-valia e eles chamam de lucro.

Mas, no capitalismo, a taxa de lucro tem uma tendência de queda, e isso produz as crises econômicas de superprodução que resultam em fechamento de empresas, demissões etc., como as que vemos hoje.

No capitalismo, há uma total anarquia no processo de produção. Cada capitalista produz o que quer e quanto quer, sem levar em conta as necessidades da sociedade e da natureza. O objetivo do capitalismo é produzir o máximo possível de lucros. Por isso, para competir entre si, os capitalistas precisam baixar os custos de produção, rebaixando salários, aumentando a jornada de trabalho e destruindo direitos. Também destroem o meio ambiente em seu voraz consumo dos recursos naturais. Não é possível tornar o capitalismo mais humano, como defendem os reformistas. Com o capitalismo, a realidade é sempre injusta, responsável pela miséria, pelo desemprego e pela opressão. E também pelo fato de hoje a espécie humana estar ameaçada com o aquecimento global.

SOCIALISMO

RIQUEZA NA MÃO DA CLASSE TRABALHADORA

O socialismo inverte a lógica do capitalismo. Se toda riqueza é produzida pela classe trabalhadora, nada mais lógico que ela seja usada para o bem-estar coletivo. A apropriação privada da riqueza deve acabar, e, para isso, os meios de produção seriam socializados, o que significa expropriar a grande propriedade privada.

“Ah, mas o socialismo vai tomar o meu celular e o meu carro?”, perguntaria alguém. É óbvio que isso é uma mentira que serve à burguesia para preservar o sistema.

O socialismo propõe que as fábricas, as grandes propriedades de terras e os bancos pertençam ao povo trabalhador. Assim, a riqueza produzida pelos trabalhadores, que hoje termina nas mãos de meia dúzia de burgueses, será utilizada para satisfazer às necessidades do conjunto do povo, dedicando esses recursos à educação, à cultura, à saúde e ao bem-estar geral, inclusive com telefone celular para todo mundo. Mas não esses celulares descartáveis que desperdiçam recursos naturais, agridem o meio ambiente e servem para as empresas sempre continuarem lucrando.

No socialismo não há desemprego. Todo ser humano capaz de trabalhar é incorporado à produção por meio da redução da jornada de trabalho. O atual nível tecnológico permite que se trabalhe menos e se produza mais. Porém, no capitalismo, isso tem significado o contrário. Reduzir a jornada permite que o trabalhador possa dedicar mais tempo à família, à cultura e à participação política.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3C6UIQD](https://bit.ly/3C6UIQD)

ESTADO OPERÁRIO

PODER POLÍTICO PARA O TRABALHADOR

O Estado capitalista é um aparato corrupto que mantém a dominação dos capitalistas sobre os trabalhadores. Isso acontece sob as leis aprovadas pelo Congresso e, principalmente, pela violência praticada pelos aparatos de repressão, como a polícia e o Exército, contra qualquer forma de luta.

O socialismo exige um novo tipo de Estado, operário, baseado em conselhos populares, organizados em locais de trabalho, moradia e estudo, para que todo trabalhador possa participar da vida política, definir as prioridades de uma planificação econômica que não agride o meio ambiente, controlar e gerir fábricas e escolas. Tudo isso é bem diferente da atual democracia burguesa que,

na verdade, é uma ditadura de um punhado de ricos contra os pobres.

Tudo isso não existe nem na Venezuela, nem em Cuba, Coreia do Norte ou China. Todos são países capitalistas, e seus governantes são burgueses privilegiados que vivem no luxo enquanto impõem uma ditadura sobre o povo. Apesar disso, há quem se diga “socialista” e defenda esses regimes.

Essa nova sociedade socialista não virá das eleições, controladas pelos grandes capitalistas. Mas somente de uma revolução da classe trabalhadora para derrubar a burguesia e iniciar a construção de uma sociedade socialista.



VERA E RAQUEL TREMEMBÉ

Uma chapa operária, negra, indígena e socialista!

A chapa Vera (presidente) e Raquel Tremembé (vice-presidente) é uma alternativa socialista e revolucionária nas eleições, construída coletivamente por trabalhadores da cidade e do campo, por jovens, por indígenas e quilombolas, por ativistas das lutas contra as opressões, de Norte a Sul do Brasil.

Uma chapa 100% feminina, que vai apresentar um programa socialista, que se enfrenta com o projeto de ditadura de Bolsonaro e com o projeto de conciliação de classe representado na chapa Lula-Alckmin.

É preciso derrotar Bolsonaro já. Mas, para isso, não é correto se aliar com a mesma grande burguesia racista, machista e xenófoba que estava com ele até algum tempo atrás. O PT se aliou com Alckmin, um quadro do PSDB, representante das grandes empresas nacionais e multinacionais, que ajudou a eleger Bolsonaro.

Se hoje a miséria cresce no país, com a fome e o desemprego nos bairros pobres, cresce a violência racista da polícia contra a juventude negra nos bairros pobres, aumentam os feminicídios e assassinatos de LGBTIs na esteira do machismo e da LGBTIfobia defendidos pelo genocida Bolsonaro, a burguesia que o elegeu e o apoiou, a exemplo de Alckmin, também é responsável por

essa situação. Essa burguesia também é culpada pelo crescente número de assassinatos de indígenas e de trabalhadores, pela destruição da Amazônia e do meio ambiente e pela não demarcação das terras dos povos originários e quilombolas.

Por isso, é preciso apresentar um projeto com independência de classe, sem alianças com os ricos. Esse projeto está representado na chapa Vera e Raquel. Chamamos você a ser parte desse projeto com a gente. Junte-se a nós!

Fora Bolsonaro genocida! Mas, para acabar com a miséria, a saída não é Lula aliado a um burguês! Contra burguês vote 16!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3C8HNZE](https://bit.ly/3C8HNZE)



Vem de Zap!
Receba nossos materiais

Escreva para
(11) 9.9197-5733
ou use o QR-Code



Leia nosso programa completo em nosso site

www.vera.pstu.org.br



Siga a Vera nas redes sociais!